

BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

DOMINGO 4 MARÇO DE 1877.

NUMERO 21

Director — Dias Freitas.

Proprietario — Magalhães Junior.

CARTAS BIBLIOGRAPHICAS

I

Acabamos de manusear um escripto prestimoso, dado á luz em Coimbra na imprensa academica, no fim do anno proximo pasado.

Tem por titulo *Cartas Bibliographicas*, e foi impresso em 4.º com summa nitidez.

Adornam este escripto duas heliogravuras typographicas, não menos esmeradas que a edição.

E' auctor d'estas *Cartas Bibliographicas* um amator illustrado da Lousan, assignado com as iniciaes *F. T.*, jassim no rosto da obra, como no fim de cada uma das cartas.

Bastava esta circumstancia, para nos dar a conhecer o nosso confrade *Annibal Pippa Fernandes Thomaz*, como escriptor d'este trabalho primoroso.

Compoem-se de seis cartas esta collecção epistolar; e endereçou-as o auctor ao nosso confrade *Augusto Mendes Simões de Castro*, escriptor indefesso de Coimbra.

Dá-o a conhecer assim uma allusão do fim da *Carta 2.ª*, expressa por estas palavras:

A vida de Sancta Comba... do livro de D. Timóteo dos Martyres, é muito curiosa e abundante de noticias... talvez... d'algun proveito para a 2.ª edição do seu bello GUIA DO VIAJANTE EM COIMBRA E ARREDORES...

II

E' consagrada a *Carta 1.ª* a um exordio bibliologico, attinente á missão especial do auctor, destinada exclusivamente a

aproveitar algumas horas d'estudo n'uma convalescença.

Na *Carta 2.ª*, occupa-se o nosso confrade—com novidade para não poucos bibliographos—da *Vida de S. Theotónio, Primeiro Prior do Convento de Sancta Cruz de Coimbra, da Extincta Ordem dos Conegos Regulares de Santo Agostinho*:—obra rara, e prezada dos amadores, devida a D. Timoteo dos Martyres.

E' consagrada a *Carta 3.ª* a uma obra rarissima, com o titulo de *Lyrical Poesia*, escripta pelo lisbonense *Antonio Lopes da Veiga*, sobrinho de D. Diogo Lopes d'Andrade, eremita de Sancto Agostinho, e prelado d'Otranto na Italia.

Por esta occasião, dá-nos o nosso confrade—como espécimen poetico—uma *Canção* do auctor.

Na *Carta 4.ª*, occupa-se o nosso bibliophilo—e com sobeja individuação—da obra popularissima entre nós, com o titulo de *Livro do Infante D. Pedro de Portugal, que andou as septe partidas do mundo*:—obra de Gomes de Sancto Estevão, de que são sobremodo raras as primeiras edições.

Por esta occasião, dá-nos o nosso confrade—como primeiro espécimen heliographico—o rosto da edição de 1602, que é a 1.ª d'existencia incontestavel.

E' consagrada a *Carta 5.ª* a uma obra rarissima no meio das que o são, com o titulo de *Historia do Abbade D. João de Monte-mór-o-Velho*:—personagem lendaria, e de veneração popular, n'essa antiga villa do districto de Coimbra.

Por esta occasião, dá-nos o nosso bibliophilo—como segundo espécimen heliographico—o rosto da edição de 1562 d'esta obra:—e compara o contexto d'ella

com a *Historia Mantianense*, escripta por Antonio Correa da Fonseca e Andrade—*manuscripto inédito*, de que possuímos apenas alguns extractos em nossa collecção d'apógraphos.

Na Carta 6.^a, occupa-se o nosso confrade — com exemplificações curiosas — do Roteiro da Segunda Viagem de Vasco da Gama á India em 1502: — obra desconhecida até os nossos dias, como o Roteiro da Primeira Viagem de 1497, e traduzida em 1874 em inglez por Philippe Berjeau — amador francez illustrado, residente em Londres ao menos então.

Por esta occasião, poem o nosso bibliophilo em merecido relêvo, qual a importancia d'esta versão ingleza do *hollandez*: — texto escripto por pessoa da comitiva de Vasco da Gama, assim como o fôra também o roteiro portuguez d'Alvâro Velho — *se é que não é talvez d'Alvuro de Braga, como ainda é dado conjecturar.*

(Continúa)

Braga.

PEREIRA-CALDAS.

SENHOR DA FONTE DE VIDA (*)

Na cruz o sol mais fulgente
Se sumiu... morreu Jesus!
—Vós, que soffreis! de repente
Vinde ajoelhar á cruz;
Vinde! que tendes bem perto
Peito, que á dôr sempre aberto,
Sempre balsamo goteja
Em quem, se um rio deseja
P'ra sêde—um rio tem certo!

O corpo livido, morto,
Imagem do morto Pai,
Eil-o aqui na cruz! conforto
Sobre o altar n'ella buscai;
Buscai! orai confiados!
Contritos, deliberados
Commungai a esta mesa!
Que onde ha tamanha riqueza
Não pôde haver desgraçados!

Deus soccorre, Deus perdôa,
E o refulgido perdão
De sua bella corôa
Não é somenos florão;
Oh que não! Deus mesmo enquanto
Nos lava a alma c'o pranto

(*) Imagem venerada na igreja do ex-convento da Franqueira.

Que vertem nossos pesares,
Não mais areas nos mares
Que d'estrellas no seu manto!

Abaixai a fronte altiva
Orando á cruz do Senhor,
Se desejas agua viva
Beber da fonte do amor;
D'um amor que tem estrellas!
Tem do ceu as flores bellas
Na vida d'alem da vida,
Quaes d'este alto a cruz convida
A cultivar e colhel-as!

F. S. VILLAÇA.

1875

(DE CAMPOAMOR)

Ao ensombrar-se a tarde d'esse dia
Em que sósinha a vi,
Não te aproximes tanto, me disia,
Tenho mêdo de ti.

Mas quando a aurora annunciava o dia
E junto a mim a vi,
Aproxima-te mais, então disia,
Tenho medo sem ti.

Lisboa.

VICENTE NOVAES.

A' PRIMEIRA FLOR

Como é bella a aurora, ao abrir d'uma manhã tranquilla! Aquelle arco de luz que se levanta sobre o horisonte, impelle suavemente as ligeiras nuvens, debeis sombras da noite que fogem até ao occidente: as estrellas affastam-se, alando-se sobre a immensidade do espaço, e os seus raios confundem-se com a luz da manhã, como os regatos que vão perder-se no magestoso curso d'um grande rio: a pallida claridade do oriente corre feiticeira, saltando por sobre as rochas e as arvores, sem atrever-se a penetrar no fundo dos valles, nem nos sombrios bosques; os seus raios debilitados pelas plantas vão despertar a ave-sinha que dorme sobre os troncos das arvores, e que duvidosa entre a noite e o dia espera outra luz mais forte que venha ferir os seus olhos, para então soltar os seus melodiosos e complicados trinos.

Assim depois da noite do inverno vem a primavera annunciando á natureza um

novo dia, um anno mais de existencia. E a natureza accêta os seus dons, e enfeitase com os seus primorosos adornos que esta lhe dispensa. Em breve o campo se converte n'um verde tapete de quadros caprichosos e variados; as auras adquirem essa voluptuosa languidez que entumece os sentidos e expande docemente o pensamento: as nuvens estendem no espaço um delicado manto que deixa em mil partes descoberto o azul purissimo do ceo; e a meiga andorinha bate de novo as suas azas sobre a superficie das aguas.

Entretanto, o aquilão encolhe os seus braços e retira-se para a sua escura e fria morada: é o leão fatigado que volve á caverna para reparar as forças e lançar-se outra vez sobre o assustado rebanho.

Então nasce a flor!... Timida mensageira da alegria dos campos, aquella que primeiro ergue a virginal corola; chama em seguida as suas modestas companheiras, que não se atrevem a erguer o seu tronco sobre a terra onde nasceram: ouve-se ainda o rugido do inimigo das campinas, ainda sôam ao longe os sons do vendaval.

Porém já vive a flôr!... Quem lhe envia essa vitalidade inconcebivel? Nasce e cresce obedecendo unicamente a uma causa e a uma vontade desconhecidas. Contudo as auras vem agitar a sua hastea; o sol da primavera enche-a d'aromas e de côres, e as gotas do rócio cahem sobre as suas folhas como as lagrimas do primeiro amor sobre as faces d'uma virgem. Filha formosa de abril! Vejo em tua corola o sorriso da infancia; leio no teu calix a innocencia da primeira idade da creatura; e as cores das tuas folhas são os anhelos de felicidade que velam em torno da alma, alheia todavia ás paixões da vida; sonhos dulcissimos que se formam de illusões impalpeis, como os vaporosos perfumes que tu exhalas. Ai de ti! que crusarás com breves passos essa vida deliciosa! porque o raio de sol que annuvia a tua existencia, corre ligeiro abandonando-te ao teu destino. A vida vae sempre deixando atraz de si um rasto de tristes despojos.

Virá o sol do estio, e deixarás de existir: a vida não tem mais do que uma primavera. Em vão o meu pensamento, salvando de um vôo os annos que tenho atravessado, me quer transportar aos dias da minha infancia: quanto mais desejo alcançar aquella primavera da minha vida, mais me affastó d'ella: sou um viajero

que não póde retroceder no seu caminho; volvo os olhos para traz, porém os meus pés seguem marcando os seus passos para diante; nada sou, e nada posso contra a força que me dirige. Ignoro, flor, se tu tens intelligencia: mas, triste companheira do homen, estás ligada á fatalidade d'um egual destino. Sim; tu nasces, vives, morres; eu nasco, vivo, morro: não sei como isto se verifica, e creio que tambem o não sabes. Temos marcada a senda por onde havemos de passar; ati estão marcados os perfumes e as cores.

Assim, flôr, nos acercamos ao termo do nosso caminho. A tua morte será um ternissimo suspiro, ultimo perfume da tua vida, que se perderá nos ares desvanecendo-se indefinidamente até reduzir-se a nada: tambem eu acabarei com um suspiro; porem o perfume de minha vida é uma cousa inapreciavel, que chamamos alma, e que irá tambem subir á immensa eternidade. Mas ai, flor! quando o calor do sol tenha murchado as tuas folhas, e feito empallidecer as tuas cores, quando as horas da tua existencia pesem sobre ti e hajam curvado a tua hastea, quando finalmente o vento abrasador da tarde venha arrojarte pela areia, então, em meio da tua agonia, não terás recordações do que foste, nem te assustará a duvida do que has de ser. Porem eu, n'esses momentos de luta entre a vida que foge e a morte que se aproxima, luta talvez desconhecida para ti, verei ao longe, como se fôra uma estrella que se fixa sobre o horisonte, as doces horas da minha infancia perdida para sempre; dilatarei as minhas palpebras; hei de erguer o meu corpo, e estenderei os meus braços para alcançar aquella longinqua estrella; mas uma pallida mão me agarrará pelos cabellos, e sem que a minha angustia a possa mover á compaixão, fará inclinar a minha fronte: a estrella entretanto brilhará mais formosa do que nunca: todas as minhas forças se concentrarão em meus tremulos labios, que articularão supplicas de piedade, e meus olhos quererão desprender-se das suas orbitas para juntar-se com aquella bellissima imagem; porém sómente uma terrivel gargalhada responderá á minha pergunta e aos meus anhelos; o aspecto ironico da morte paralisará os meus membros; o terror se apoderará de minh'alma, e o pensamento, saltando mais alem do que alcancem os meus olhos, quererá medir o abysmo aonde me arrastará e precipitará na

morte! A intelligencia é o verdugo do homem. Feliz o sêr que crusa a vida sem pensar n'ella; feliz tu, flor, que não tens recordações do passado nem esperança do futuro. Porisso te levantas gentil sobre a verde alfombra da campina, sem que pesar algum venha manchar o perfume do teu calix, nem a côr de tuas folhas. Breve é tua vida, porém nada a inquieta. As horas de felicidade são escassas; porisso o homem vive alguns dias mais; se vivesse feliz, viveria dormindo; o somno aligeira o curso das horas. Mas o homem vive mais por que é infeliz, e comtudo, nasce como a flor e morre como ella!! A vida é debil planta: cae o rócio do ceu, e as plantas reverdecem; amanhã sopra o vento, e secas como a palha são dispersas sem dó..

Mas tu, flor, não olhas o futuro, nem te assusta a tua sorte, porque não adivinhas o triste fim de toda a creatura. Goza, pois, do teu presente; e estende alegremente as tuas galas nesse campo que sente orgulho em possuir-te. Quando a tristeza se apodere de ti, porque o sol tenha arrebatado os teus primores, então te aproximarás feliz ao termo da tua vida, sem que o menor remorso venha inquietar o somno desconhecido em que deverás ir descansar.

C. GOODOLPHIM

SONETO

Houve um tempo, em que, livres, no meu peito
Amores mil voavam brandamente;
Amava a flor e a limpida corrente,
Que ideava crystal, o mais perfeito.

Do rouxinol o canto, que era feito
Por archanjos cuidava, hymno cadente
Com que a terra saudava o Omnipotente,
A quem 'num meigo arroubo dou meu preito.

Esse estendal dos astros, no ar suspenso
Com mystico fulgor, do Eterno aberta
Me figurava a Sé—o Templo immenso!

Mas, ao vêr-te, minh'alma se desperta,
Perde o vago anhelar,—só em ti penso
Com desejos d'amar ventura certa.

JOSÉ D'ORNELLAS.

DESTROÇOS

Ao longo da arcadas silenciosas
D'um gothico mosteiro solitario
Vacilla ao vento enorme lampadario,
Ouvindo á noite o soluçar das rosas

Tudo é deserto agora! Das esposas
Do pallido Cordeiro do Calvario,
—Das monjas cujas vozes lacrymosas
Retumbavam, qual canto funerario;

—Das que [cheias d'amor immaculado
Fugiram no esplendor fatal da vida
Aos combates ardentes do peccado;

Das amantes do mystico Noivado:
—Quem sabe se a caveira apodrecida
Alimenta algum cacto ensanguentado?!

Porto.

JOAQUIM D'ARAUJO.

LA ACADEMIA

(Continuação do n.º 20)

—«Tiberio! entra em ti. — Algum sacerdote impuro de Cibeles te fascinou hoje, destituindo-te completamente da dignidade de Cesar — a ponto de confundires a terra com a magestade dos deuses.

—«Não: nenhum sacerdote de Cibeles me fascinou.—Fascinaram-me os raios dos teus olhos, e abrasaram-me o coração em chammas d'amor.

—«Attende-me, Cesar: — a acção do tempo, com os holocaustos aos deuses amigos e propicios, hão d'apaziguar essa tua tempestade.—Eu não posso corresponder ao teu amor: — aqui onde me vês, já não sou livre.

—«E que é liberdade em amor? — O que é que isso quer dizer?

—«Ainda que o meu alvedrio mo ordenasse, eu não poderia amar-te. — Não obedece nunca á vontade o coração: — taes são, e taes foram sempre, os affectos do amor! — Vagueava eu n'uma tarde pelas praias de Parthénope, entre pinhos e sobre areas d'ouro, colhendo conchinhas á margem plácida do mar. — Nada me distraía d'este prazer: — nem a pomba que fendia os horizontes; nem o reptil que se rojava entre as hervas; nem o doudejar das brisas com os meus cabellos; nem a correria ligeira dos veados por entre os matagaes; nem os canticos das aves nas ramadas, exalçando os seus amores ditosos. — Eis que n'esta occasião passa ahi rapido um caçador — desnudado como os deuses da Grecia, e transudando afadigado como os heroes d'Homero.—Tinha os caracões do cabello eriçados de madre-sylvas; e de violetas odorosas, as correas das sandalias.—Immovel e sereno, fixou os

olhos no ar ; retesou o arco ; e despediu uma setta.—Não sei a que ave do ceo, ou a que alimária da terra, iria ferir o dardo do caçador : — o que sei apenas, é que desde então me sinto ferida no imo do coração.—Foi tam subita a minha dôr então, que me arrancou um grito intenso, a ponto de fazer deter o caçador, na convicção de me ter ferido com a setta. — Sim, lhe disse eu : vós feristes-me, não no corpo, mas na alma. — Crêde-me : estou morta, mas é morta d'amor. — Ainda atégora não sabia o que era esta paixão do mundo, nem sequer a sua existencia : mas agora— agora—parece-me que a tua vida é a minha, e que não poderia apartar-me de ti. — Parece-me que uma fôrça nova, superior á minha vontade, haverá d'impellir-me n'esta senda, até confundir-me contigo na embriaguez do amor. . . . — Alguem diria, replicou-me o caçador, que és uma das nymphas de Diana, errante no bosque, e de prompto enamorada contra a expressa vontade da deusa.—Tu, formosa joven, como não has mister mais adôrno que a tua innocencia ; tambem não has mister mais felicidade que os meus braços. — Vivemos ambos nas cabanas ; apagaremos a sêde com a agua dos arroios, colhida no cón-cavo das nossas mãos ; teceremos coroas vecejantes, para a tua frente e para a minha, com as florinhas singelas do campo ; entender-nos-hemos um com o outro, como se entendem nos seus canticos os rouxinoes ; teremos por nosso leite as hervasinhas seccas : e para que os nossos amores dures, começaremos desde já por oferecer holocaustos, e fazer-lhe sacrificios, nas aras divinas do Pudor.—E estes nossos amores, por extranhos que pareçam ao mundo, devem ao mundo dizer-se e declarar-se.—Tudo obedece á lei : que lhe obedeça tambem o amor. — Trar-me-has um *asse* : e com elle que me tragas do lar, eu te adquirirei aos olhos do mundo. — Os teus formosos cabellos, partil-os-ha na frente ao meio o ferro da minha lança.—Preceder-te-ha um séquito de jovens ; e elle te seguirá tambem, para tomar-te nos braços, e fazer que não toques o limiar sagrado da minha casa com as plantas dos pés. — Quér na rua, quér na encruzilhada, farás offrendas aos deuses lares com que topes ; e ao entrares em casa de teu esposo, deporás as tuas sandalias ao pé do seu *larario*.—E seremos assim honrados e felizes ; e os filhos que tivermos, poderão dizer em altos brados — e

la toda a hora do dia—o nome sagrado dos seus progenitores.—E eu viverei do teu amor ; e tu, dos meus cuidados.—E nada desejaremos alem da perpetuidade da nossa vida, por ser ella tambem a perpetuidade da nossa ventura.—E assim como tem sido para mim todos os teus anhelos, e todos os meus para ti, antes de nos conhecermos ; assim será por ti e para ti agora a minha vida, e por mim e para mim a vida tua. . . . — E elle disse-me depois, apontando então para a ilha de Capri, que, se levantava no meio das ondas, esmaltada de luz esplendecente : — Alli, ó joven, estancia o Cesar—rodeado de prazeres ; obedecido por todos os homens ; com mais riquezas, que as arrastadas do Pactolo em sua corrente ; e com mais exercitos, que os capitaneados ao man-lo d'Alexandre. — A terra, serve-lhe de pedestal ás plantas dos pés ; as estrellas, de brilhantes ao seu diadema ; e o mar, d'amplo manto a seus hombros. — Pois apesar de tudo, não poderá gosar alli uma felicidade como a nossa—esta felicidade sem igual na vida—esta immensa felicidade d'amar e ser amado !

[*Continúa*]

PEREIRA-CALDAS.

FRAGMENTO

Ao limiar da Patria.

(*Canto do desterrado carlista, ao regressar de Cuba*)

Apoz tres annos de angustias,
De anciedade, negra e crua,
Annos de noites, sem lua,
Sem frescas manhãs d'abril ;
Annos, que eu contei por seculos,
Sobre a ignobil terra estranha,
Torno, enfim, a ver-te, ó Hespanha,
O' minha patria gentil !

So Deus sabe, ó solo indomito,
Essa saudade infinita
Que eu sentia, alma proscripta,
Ao ver-me longe de ti.
So Deus sabe quantas lagrimas
Meus olhos, tristes, vertiam,
Quando, erguendo-se, não viam
O céo formoso d'aqui.

Na Catalunha, no amago
De altas serras penhascosas,
Onde não florecem rosas,
E a agua jorra, caudal ;

Onde o grito agudo da aguia
A' noite accorda as montanhas
Em cujas fundas entranhas
Ululla o lobo cervical;

Onde a urze sobe, intrépida,
Ao docel azul-celeste,
E, altiva, as nuvens investe
Com indomavel furor;
Onde o espectro de Pelagio
D'entre a sombra ás veses cresce
E, de subito, apparece
Ao assustado pastor...

Aqui foi meu herço placido;
Aqui correu minha infancia
Entre risos e fragrancia,
Sem dor, nem luto, nem ais.
Uma só nuvem funèrea
Sobre a minh'alma poisava,
Era quando eu soluçava
Junto á campa de meus paes.

Um dia, clamor electrico
Solta a Mancha, que se ignisa,
Clamor, que tem por baliza,
As soidões occidentaes;
Ao ouvil-o, tudo, attonito,
Perguntava se esse grito,
Vinha do labio Infinito,
Ou das furnas infernaes.

Era a Hespanha, que, em voz trémula,
Seus filhos chamava á guerra,
E essa voz, que o mundo aterra
De monte em monte eccoou;
Foi á crista das Asturias,
Desceu do Ebro ás campinas,
E da Navarra as collinas
Com seu fragor abalou.

Tudo em pé! Que filho, tímido,
Foge á voz da mãe, que o chama!
O amor da patria me inflamma,
Bom filho, parti veloz.
Leda, acenava-me a gloria,
Afoitavam-me as partidas,
E, dos sepuleros surgidas,
As sombras de meus avós!

Parti pois. Mas, ai! que magua
Ao ver, na lucta homicida,
Tornar-se o heroe fraticida
No seio da propria mãe!
Ao ver que o ferro, cravando-se,
Um corpo deixava exangue,
E que d'esse corpo o sangue,
Era o meu sangue tambem!

Porem que importa? Se é lugubre,
Sobre o regaço materno
Ver, n'um combate fraterno,
Mil irmãos a perecer;

De um obuz a voz mortifera
A voz d'alma afogue e vença;
Acima do sangue, a crença,
Do amor acima, o dever.

Nos ares fulgem mil gladios,
Ferve, sangrenta, a peleja,
O canhão, torvo, rouqueja,
Desmaia, languido, o sol.
E a triumphante lâmina,
Ou a que fica vencida,
Volta á bainha, tingida
No nobre sangue hespanhol.

N'esse momento, a victoria,
Do nosso lado pairava,
Nosso pendão tremulava
Sobre os muros catalães.
E eu, da gloria cego e avido,
De espraças vestindo o p'riço,
Entro a linha do inimigo
Quasi a tocar-lhe co'as mãos...

Foi, então, que uns braços rigidos,
Dos meus, dê prompto, travaram,
Os pés e as mãos me algemaram...
E eu era captivo, emfim!
Mas captivo, a quem, os vinculos,
Somente a traição puzera,
Que um catalão so podera
Tornar-se captivo assim!

Portozelo.

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA.

EMMELINA

— ALFREDO DE MUSSET —

VERSÃO LIVRE

DE

Narciso Alberto de Sousa

(Ao distincto poeta Cunha Vianna)

(Continuação)

Ao entrar no mundo, não havia em Emmelina vislumbres de garridice. Será um mal vêr-se lançada no mundo sem grande conhecimento d'elle? Não sei. Por outra parte, não acontece muitas vezes cahir-se n'um perigo, querendo evital-o? Hajam vista essas pobres criaturas, ás quaes pintam o amor com tam terríveis côres, que entram n'uma sala com as cordas retesapelo temor, e que ao mais leve suspiro resôam como harpas. A respeito do amor, ainda Emmelina era mais ignorante. Tinha

lido alguns romances, onde escolhêra uma collecção do que ella chamava necedades sentimentaes, capitulo que tratava zombeteiramente. Promettêra a si mesma viver como simples espectadora. Sem curar das suas maneiras, do seu rosto e do seu espirito; se tinha de ir a um baile, collocava uma flôr na cabeça, sem se importar com o effeito que ella produzia, envergava um vestido de gaze, como se fosse um vestido de caça, e a maior parte das vezes nem olhava para o espelho, e partia alegremente.

Comprehendem que, com a sua riqueza, (porque, ainda em vida de sua mãe, já o seu dote era consideravel), todos os dias lhe faziam propostas de casamento. Não recusava nenhum sem exame, porém esses successivos exames davam-lhe occasião para formar uma galeria de caricaturas. Mirava os pretendentes da cabeça até aos pés com mais firmeza do que ha ordinariamente n'aquella idade; depois, á noite, fechada com as suas boas amigas, dava-lhes uma representação da entrevista da manhã; o seu natural talento imitativo tornava estas scenas perfeitamente comicas. Um tinha um modo acanhado, outro era fatuo, este fallava pelo nariz, aquelle comprimentava d'esguelha. Pegava no chapéu de seu tio, entrava, sentava-se conversava ácerca da chuva e do bom tempo, como n'uma primeira visita, apropinquava-se pouco a pouco da questão matrimonial, e deixando de chofre o seu papel, desatava a rir. Resposta decisiva que podiam dar aos seus pretendentes.

Todavía chegou um dia em que ella se achou defronte do espelho, compondo as suas flores com mais algum cuidado do que de costume. Tinha de assistir a um grande jantar, e a sua criada grave vestira-lhe um vestido novo, que não lhe pareceu de bom gosto. Lembrou-se d'uma velha aria da opera, com que fôra embalada:
«Se os que se amam buscam agradar,
«Bem perto estão de se inflamar.

O sentido que deu a estas palavras, commoveu-a singularmente. Ficou toda a tarde pensativa, e pela primeira vez a viram triste.

O snr. de Marsan chegava então de Strasbourgo, onde estava o seu regimento. Era um dos mais bellos homens que se podia imaginar, com modo altivo e um pouco violento. Não sei se elle assistiria ao jantar onde apparecêra o vestido novo, mas foi convidado pelo senhora Duval para uma caçada, que se tinha de fazer n'uma lindis-

sima terra perto de Fontainebleau. Emmelina fazia parte d'ella. (Continua)

—♦♦♦♦♦—
RECORDA-TE

A. A. de C. S.

Mulher, encanto que no mundo amei,
Astro divino de brilhante luz,
Acolhe a lyra d'um amor intenso,
Aceita o canto que a teus pés depuz.

Fagueira estrella que caminhas linda
Na longa tela do azul dos ceus,
Não negues vida nem calor, nem calma
A quem só vive dos olhares teus.

Imagem q'rida de meus sonhos bellos,
Anjo celeste de sereno olhar;
Rocia a planta que por ti só vive,
Distingue aquelle que te sabe amar.

Grata saudade que me roça a fronte,
Canção solemne que me diz—amor!
Idea triste que crucia a vida,
Lembrar a causa... é morrer de dor.

Volve um sorriso d'esses labios puros,
Scentelha ardente do sorrir do ceo;
Manda uns olhares d'eses lumes vagos,
Clarão lusente de risonho veo.

Manda um suspiro no correr da brisa
Atar a vida que sem dó quebraste;
Manda um alento, e uma só palavra,
Consola o triste que sem dó deixaste.

Sim... mostra o ceo a quem tanto te ama,
Afaga a fronte que por ti delira;
Acolhe o canto que minha alma exalça,
Oh! sim... não calques estes sons da lyra.

Braga

ALBANO SEQUEIRA.

~~~~~  
**ELVIRA**

(Continuação do n.º 20)

—Esperança! sempre a esperança!

Mas diga-me, confesse-me por quem nutre essa paixão; e se eu poder influir para a sua união com essa mulher, a quem tanto ama, da melhor vontade o farei. Seja franco — continuou ella tomando-me as mãos — não me occulte os seus soffrimentos. Não poderei eu ser o sacrario dos segredos da sua vida?

Quando a baroneza tomou as minhas entre as suas niveas e delicadissimas mãos, tive desejos de lançar-me a seus pés e dizer-lhe: «A mulher a quem amo, és tu?». Mas contive-me, e pude ainda responder-lhe:

—Oh! não, não, minha senhora. Ha segredos na vida que não se revelam aos amigos, ao pae, á mulher a quem chamamos mãe, que nos embala em seus braços, que nos adivinha as intenções, nem mesmo a Deus se possível fôra.

—Insiste em não querer revelar-me o nome da mulher a quem ama? pois bem. Se eu lhe disser, que conheço essa mulher, como me conheço a mim diante d'um espelho, o snr. que dirá?

—Que é impossivel, porque só revelei esse segredo a uma pessoa, em quem deposito plena confiança.

—Revelou-o ao zephyro, que ainda ha pouco brincava inquieto em volta d'aquelle caramanchão.

E a baroneza apontou para o caramanchão, onde pouco antes eu tinha ouvido uma voz dizer-me: «Declara o teu amor á baroneza, e acredita que elle será accete». Compreendi então tudo. A voz que eu tinha ouvido fôra a da baroneza. Ella estava de posse do meu segredo.

(Continúa)

Porto.

ARNALDO JOSÉ MARTINS.

### A' BEIRA-MAR

Ondas fugaces, cantae!  
Pulsa a lyra, trovador!  
Auras da praia, accordae,  
trazei-me um canto d'amor.

Meiga lua o ceo prateia,  
manso vento o mar agita,  
brinca incerta sobre a areia  
leve sombra que palpita....

Mar em fóra, o veo da bruma  
d'alma as sombras reproduz,  
quando nos lençóes d'espuma  
nem um raio treme a luz...

—Ide ao largo, vãos rumores,  
que me vindes magoar...  
Infeliz quem tem amores!  
—passa a vida a suspirar!

—chora—amor— ao som da lyra  
na quietação do retiro...  
Mas ao triste que suspira,  
não responde outro suspiro!

Ha na terra tantos flores!  
Tanto perfume nos montes!  
Ha no ceo tantos fulgores!  
Tanto azul nos horisontes!

So eu vegeto sosinho  
ao sopesar minha cruz...  
—sem uma flor no caminho,  
sem uma restea de luz!—

Fujo aos duros alaridos  
d'importunas multidões...  
e vou gemer meus gemidos  
na orchestra das virações.

Quando no vall' solitario  
se espalha brando luar,  
vou chorar o meu fadario,  
—dizer saudades ao mar.

E este profundo tormento  
sinto abrandar-se-me um pouco,  
contando as mágoas ao vento  
e os meus sonhos de louco.

Quem nesta vida de dores  
teve o condão de trovar,  
infeliz se tem amores...  
—passa a vida a suspirar!

Povoa do Varzim—1872.

DIAS FREITAS.

### EXPEDIENTE

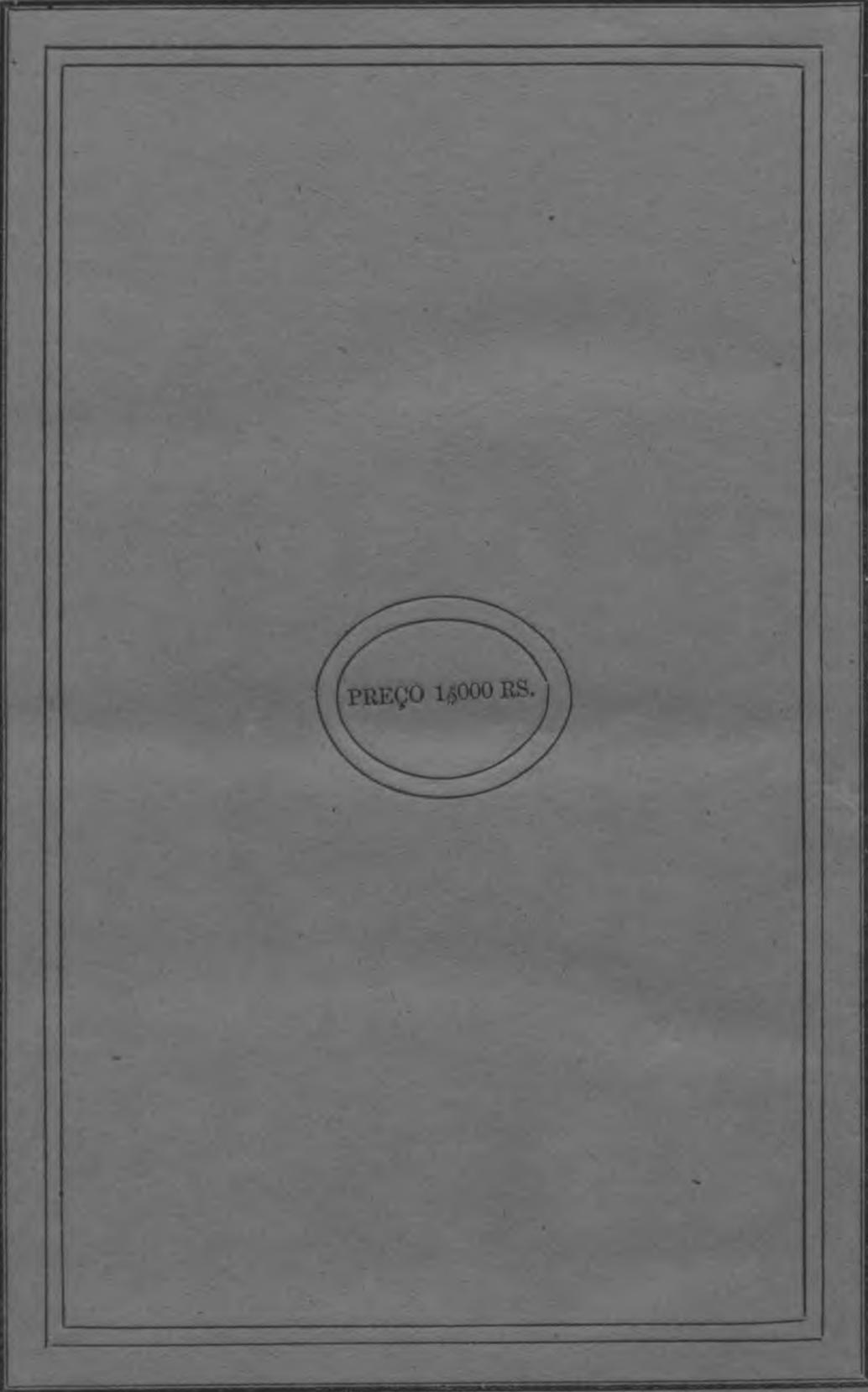
Em rasão de ser dado no dia 1 de dezembro um n.º extraordinario, e de termos de distribuir capas, ante-rosto e indice; assim como por ter deixado, por doença, de fazer parte da empreza o sr. Magalhães Junior,—resolvemos fechar o 2.º volume com o presente n.º

Fica sendo director economico d'este semanario o snr. *J. L. de Sousa Arantes*, para quem deverá ser dirigida a correspondencia relativa á administração da *Borboleta*.

A correspondencia relativa á redacção será dirigida UNICAMENTE ao director litterario, Dias Freitas.

FIM DO VOLUME II.





PREÇO 1,5000 RS.